



## O professor catedrático relaciona canções com a passagem da *troika* por Portugal 'Hit the Road Jack'

Eduardo Paz Ferreira

Ray Charles é um daqueles cantores imortais. Muitas são as suas canções que acompanham a nossa vida, nos bons e nos maus momentos, nos de alegria e nos de tristeza.

Na ocasião em que, formalmente, termina a missão da *troika* em Portugal veio-me, por exemplo, imediatamente à cabeça o "Hit the road Jack, don't come back no more, no more" e, do álbum das memórias cinéfilas, saltou um belo filme esquecido de Arthur Penn, "Quatro Amigos", em que um grupo de universitários contestatários expulsa ao som da música uma delegação militar que visitava a universidade para captar vocações para o exército.

Não duvido que não haverá muitos jovens para cantar à *troika* o 'Hit the Road Jack', mas alguns mais velhos não cederão à tentação e, seguramente, não com o sentido original da música, que é apenas o do despejo de um namorado, que não deixa saudades, mas que não quer acreditar que isso lhe está a acontecer.

No caso da *troika*, em que nem namoro

houve porque, como é sabido, *it takes two to play*, não há qualquer dúvida de que há todas as razões para o despejo. Receio bem que a posição dela seja ainda mais reticente do que a do expulso na canção e as suas armas para o regresso bem mais poderosas e aí, provavelmente saltará uma outra canção de Ray Charles: "Here you go again/ She's back in town again/ I'll take her back again// One more time."

Mas nessa altura, nós, que tanto gostamos de Portugal e de Ray Charles, recordaremos outra das suas mais belas canções, 'Georgia', a música evocativa do seu racista Estado de origem, e damo-nos conta de que, depois de a *troika* passar, Portugal recuou nos tempos e aproximou-se da Georgia que nos cantava Ray Charles, uma terra pobre, intolerante, dividida, assente no poder dos ricos.

E, no entanto, mesmo em quem, como Ray Charles, sofreu essa situação, o amor pela Georgia não desapareceu, como não desaparece o nosso por Portugal. Apenas sabemos que Jack voltará, a menos que tenhamos força para dizer não e saibamos congregar os apoios e os projetos que permitam que as portas se lhe fechem definitivamente. Porque, realmente, já chegou e é tempo de assumirmos o nosso

destino no quadro de uma União Europeia que reencontre o seu projeto fundador e abandone a via imperial em que se enredou, abrindo-nos ao mundo.

E, mudando o horizonte, gostaríamos todos de cantar com Chico Buarque: "A minha gente sofrida/ Despediu-se da dor/ P'ra ver a banda passar/ Cantando coisas de amor", mas, mesmo aí, recordamos-nos que, por trás da alegria inicial, está a terrível estrofe final: "Mas para meu desencanto/ O que era doce acabou/ Tudo tomou seu lugar/ Depois que a banda passou.// E cada qual no seu canto/ Em cada canto uma dor/ Depois da banda passar/ Cantando coisas de amor."

E, nos tempos que correm, não há dúvida que há que ter muito cuidado com as bandas que se convidam e com a música que tocam.

Naturalmente que 'Grândola Vila Morena' seria esperar de mais, mas o 'E Depois do Adeus' vem bem a propósito e convém que tenha uma resposta, mas que a resposta não seja confusa e contraditória, como de costume, mas antes, como pedia Denzel Washington em "Filadélfia" a uma testemunha, explique-me como se eu fosse uma criança de dez anos aquilo que está a dizer.